



Revista História da Educação

ISSN: 1414-3518

rhe.asphe@gmail.com

Associação Sul-Rio-Grandense de

Pesquisadores em História da Educação

Brasil

Camara Bastos, Maria Helena; de Freitas Ermel, Tatiane  
O JORNAL A VOZ DA ESCOLA: ESCRITAS DOS ALUNOS DO COLÉGIO ELEMENTAR SOUZA  
LOBO (PORTO ALEGRE/RS, 1934-1940)

Revista História da Educação, vol. 17, núm. 40, mayo-agosto, 2013, pp. 143-173  
Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação  
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321627379008>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**O JORNAL A VOZ DA ESCOLA: ESCRITAS DOS ALUNOS  
DO COLÉGIO ELEMENTAR SOUZA LOBO  
(PORTO ALEGRE/RS, 1934-1940)**

Maria Helena Camara Bastos

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.*

Tatiane de Freitas Ermel

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.*



**Resumo**

O artigo aborda as escritas de alunos do ensino primário do Colégio Elementar Souza Lobo (Porto Alegre/RS), publicadas no jornal *A Voz da Escola* (1934-1940), como prática de formação pessoal, cívica e religiosa, de aprendizagem da moral ou da cidadade. Busca-se analisar os discursos veiculados, os processos de subjetivação e suas influências nos modos como as crianças, na faixa etária de 10 a 12 anos, pensavam, agiam e se expressavam nos espaços de construção de suas identidades. Insere-se nas práticas de escritas escolares e infantis, especialmente na interface da História da Educação e da história da cultura escrita, que analisa a produção, difusão, conservação e o uso dos objetos escritos, em suas várias modalidades. Os exemplares do periódico são tomados como lócus privilegiado para se adentrar no cotidiano de uma escola primária, da década de 1930, isto é, o universo escolar e toda uma rede paralela de significações.

**Palavras-chaves:** escrita infantil, jornal escolar, periódico estudantil, cultura escolar.

**THE JOURNAL A VOZ DA ESCOLA: WRITTEN BY CHILDREN  
OF THE ELEMENTARY SCHOOL SOUZA LOBO  
(PORTO ALEGRE/RS, 1934-1940)**

**Abstract**

The article discusses the writings of primary school pupils of the Elementary School Souza Lobo (Porto Alegre/RS), published in the newspaper *A Voz da Escola* (1934-1940), as a practice of civic, religious and personal formation, learning of moral or civic education. It aims to analyze conveyed discourses, subjective processes and their influence in way children, aged 10-12, thought, acted

and expressed themselves in spaces of construction of their identities. It is inset in the practice of school and children's writings, especially in the interface of the history of education and the history of written culture, which analyze the production, distribution, conservation and the usage of written objects in their several forms. Copies of the journal are taken as a privileged place in order to move forward into the daily life of an elementary school student in the 1930's, which means the school environment and a whole parallel network of meanings.

Key-words: children's writings, school newspaper, student journal, school culture.

**DIARIO *LA VOZ DE LA ESCUELA*: ESCRITO POR LOS  
ESTUDIANTES DE LA ESCUELA PRIMARIA SOUZA LOBO  
(PORTO ALEGRE/RS - 1934-1940)**

**Resumen**

El artículo analiza los escritos de los alumnos de primaria del Colegio Elemental Souza Lobo (Porto Alegre/RS), publicado en el periódico *La Voz de la Escuela* (1934-1940), como una práctica de aprendizaje personal, cívica y religiosa moral o el civismo. Su objetivo es analizar como los discursos transmiten los procesos subjetivos y su influencia en las formas en que los niños, con edades entre 10-12 años, pensaron, actuaron y se han expresado en los espacios para la construcción de sus identidades. Las caídas en la práctica de la escritura y la escuela de los niños, especialmente en la interface de la historia de la educación y la historia de la cultura escrita, que examina la producción, distribución, conservación y uso de los objetos escritos en sus diversas formas. Las copias de la revista se toman como un lugar privilegiado para avanzar en la vida cotidiana de una escuela primaria en la década de 1930, es decir, el entorno escolar y toda una red paralela de significados.

Palabras-clave: niños que escriben, periodismo escolar, periodismo des estudiantes de revistas, la cultura escolar.

**JOURNAL *LA VOIX DE L'ÉCOLE*: ÉCRIT POUR LES ÉLÈVES  
DE L'ÉCOLE ÉLÉMENTAIRE COLLÈGE SOUZA LOBO  
(PORTO ALEGRE/RS, 1934-1940)**

**Résumé**

L'article discute les écrits des élèves l'école primaire Collège Souza Lobo (Porto Alegre/RS), publié dans le journal *La Voix de l'Ecole* (1934-1940), en tant que pratique de l'apprentissage personnelle, civique et religieuse morale ou de la civilité. Il vise à analyser les discours transmis les processus subjectifs et leur influence sur la façon dont les enfants, âgés de 10-12 ans, pensé, agi et se sont exprimés dans les espaces pour la construction de leurs identités. Chutes dans la pratique de l'écriture et à l'école des enfants, en particulier à l'interface de l'histoire de l'éducation et l'histoire de la culture écrite, qui examine la production, la distribution, la conservation et l'utilisation des objets écrits dans ses diverses formes. Des exemplaires de la revue sont considérés comme un lieu privilégié pour aller de l'avant dans la vie quotidienne d'une école élémentaire dans les années 1930, à savoir, l'environnement scolaire et tout un réseau parallèle de significations.

Mots-clé: écriture des enfants, les journaux scolaires, les revues des etudiants, la culture scolaire.

## Introdução

**E**m 31 de dezembro de 1937, Branca Diva Pereira de Souza, diretora do Colégio Elementar Souza Lobo por vinte e um anos (1918-1939), salientava ao então secretário de Educação e Saúde Pública/RS, José Pereira Coelho de Souza<sup>1</sup>, no relatório das atividades desenvolvidas, a importância do jornal escolar desenvolvido com os alunos da 6º série pelas professoras Alcina Taborda e Adyles Pagaço, que se ocupavam com a orientação e supervisão:

De todas as instituições escolares a que tem resultado imediato é o jornal; não somente desenvolve o gosto para escrever como é fonte de revelações artísticas. Vários alunos desconhecidos manifestam-se talentosos no humorismo, caricaturas, poesias, e as aptidões que não se revelariam em aula se não fosse a necessidade de colaboração para o jornal. (Souza, 1937, p. 4)

Entre as instituições complementares à escola estimuladas pelos protagonistas da Escola Nova, desde as primeiras décadas do século 20, destaca-se o jornal escolar elaborado pelos alunos, como atividade de sala de aula ou extraclasse. No entanto, podemos assinalar que, na segunda metade do século 19, se encontram vestígios de jornais infantis e escolares no Brasil. Arroyo (1968, p. 136) cita, por exemplo, para o Estado de São Paulo, o periódico *O Colegial*, vinculado ao Colégio Albuquerque e redigido por meninos de dez a onze anos, publicado em Piracicaba, em 1880; em 1896, *O Jovem Escolar*, dos alunos do Grupo Escolar do Sul da Sé, da cidade de São Paulo. Também afirma que muitos escritores ensaiaram suas primeiras tentativas literárias nesses impressos, em formato pequeno e com quatro páginas: Monteiro Lobato, em Taubaté, redigia *O Guarani* (1897); Nestor Vitor, no jornal manuscrito *A Violeta*<sup>2</sup>.

No século 20, a primeira experiência com jornal escolar data da década de 1910, no pós-guerra, na Escola Decroly, Bélgica, com o *Courrier de l'École*. Mas foi com Celéstin Freinet, que iniciou suas experiências a partir de 1924, que se ampliou a divulgação e utilização do jornal escolar como texto livre, considerado “a expressão natural, a base, da vida infantil em seu meio normal” (Freinet, 1957, p. 5). Para ele,

o jornal escolar seria um dos maiores elementos de uma pedagogia aberta sobre o mundo e sobre a vida, suscetível de dar um sentido novo à cultura em que a escola, em todos os seus graus, vai assentar-se e preparar a eclosão [...]. Apresenta vantagens pedagógicas (uma pedagogia que prepara para a vida; afasta o horror do ensino metódico da língua, pelo método natural, sem redações formais, sem exigências gramaticais, obtém-se uma expressão natural e viva em que os exames habituais sancionam o valor, uma ortografia natural, um desejo e necessidade de escrever e ler, de experimentar e calcular que são a base de uma formação cultural; uma escola que trabalha com o jornal escolar visa a modernização; o jornal é um arquivo vivo da classe, dos seus momentos memoráveis; tem uma obra para mostrar, uma intercomunicação com o bairro e a cidade; reflete a classe de

<sup>1</sup> Sobre José Pereira Coelho de Souza ver Souza (1969); Bastos (2005).

<sup>2</sup> Sobre a imprensa escolar e infantil no Brasil, ver Arroyo (1968), especialmente o cap. 5, p. 131-161.

alunos, o trabalho bem feito e as aquisições de conhecimentos; desperta a curiosidade e o interesse); vantagens psicológicas: (textos reveladores do ponto de vista da vida subconsciente e da vida social das crianças: a complexificação íntima da criança; normalização do meio em que vive a criança; disciplina nova: disciplina do trabalho; expressão livre, necessidade de exteriorização da criança; liberação psíquica; trabalho produtivo; uma pedagogia do sucesso); e vantagens sociais (trabalho em equipe, cooperação; meio de ligação com a família; iniciação à vida cívica e à compreensão internacional). No texto livre é comum as crianças contarem os acontecimentos de sua vida, de sua cidade ou bairro, as aventuras de férias ou as saídas de domingo. Dessa forma, nós podemos conhecer a criança em seu meio, na sua vida, os caminhos profundos dos seus interesses, a realidade do mundo que vibra ao seu redor. (Freinet, 1957, p. 62-65)

A carta da diretora Branca Diva de Souza, felicitando a iniciativa da professora da 6<sup>a</sup> série C, também expressa vinculação com a perspectiva de Freinet e com os princípios da Escola Nova:

As minhas felicitações estendem-se a sua esforçada mestra (Vera Simch) que encarna fartamente as lamináveis figuras da Escola Nova. A grata surpresa tem um amplo valor, porque os alunos trabalharam durante o período das férias para que a nova folha saísse à luz justamente no 1º dia de aula, e que será brilhante foco a acenar aos jornais colegas para a sua colaboração em tão importante gênero de cultura literária. (*A Voz da Escola*, n. 2, jul., 1934, p. 3)

Em sua proposta, o jornal escolar buscava dinamizar a ação educativa e estimular a participação do aluno. Como recurso de ensino ou instituição escolar,

oportuniza grande número de atividades, oferecendo ambiente propício para a criança aprender fazendo, isto é, realizando ela própria o aprendizado de conhecimentos e técnicas e a aquisição de hábitos e atitudes desejáveis, como o espírito de iniciativa, direção e solidariedade, hábito de trabalho em grupo e cultivo do amor à língua materna. (Fortini, 1940, p. 95).

Como trabalho de equipe, a confecção do jornal de classe ou da escola contribuía para a formação do espírito de cooperação, de coletividade, além de expressar o trabalho realizado, sendo uma “fonte preciosa para a história da vida da Escola” (*Revista do Ensino/RS*, 1941, p. 62).

As escolas foram estimuladas a criar instituições escolares<sup>3</sup>, que deveriam desenvolver um trabalho social em comum na escola ou para a escola, orientando-se no sentido cívico-cultural de construção da identidade nacional pela formação de hábitos e atitudes: “autoeducação, iniciativa, cordialidade, respeito mútuo, gosto pela vida ao ar

<sup>3</sup> O Regimento Interno das Escolas Primárias do Rio Grande do Sul prescrevia que tais instituições deveriam ser “criadas de acordo com as necessidades do ensino e do meio em que funciona a escola” e “obedecer, em sua organização, às diretrizes traçadas pela Diretoria Geral de Instrução Pública”. Essas instituições teriam a finalidade de exercitar “atitudes de sociabilidade, responsabilidade e cooperação” e deveriam surgir do interesse do aluno (Bastos, 2005, p. 216).

livre, observação direta, pontualidade e assiduidade, dedicação ao trabalho, zelo pelos instrumentos de trabalho, sentimento de responsabilidade, de sociabilidade e de cooperação" (Bastos, 2005, p. 217-218). Foi uma instituição incentivada pelas autoridades educacionais, conforme se pode observar no Relatório de 1943 do secretário de Educação, Coelho de Souza, em que aparecem, para os anos de 1940, 1941 e 1942, respectivamente, 6, 32 e 54, jornais escolares no Estado, evidenciando um crescimento desse recurso pedagógico.<sup>4</sup>

**Tabela 1**  
Instituições escolares no Rio Grande do Sul (1940-1942).

Nome da instituição	1940	1941	1942
Caixa Escolar	145	399	500
Merenda escolar	52	145	119
Círculo de Pais e Mestres	49	133	141
Clube Agrícola	11	73	119
Cooperativa Escolar	9	44	62
Biblioteca	4	259	268
Clube da Leitura	18	58	59
Grêmio Cívico	-	32	58
Liga da Bondade	-	16	6
Pelotão da Saúde	1	65	123
Clube de Ex-alunos	-	-	3
Jornal da escola	6	32	54
Museu	11	52	65
Grêmio Esportivo	-	12	17
Clube Musical	-	9	15
Liga de Boas Maneiras	-	4	7
Grupos de Escoteiros	-	1	7
Outras Instituições	-	17	69

Fonte: RS/SEC. Relatório de maio de 1943, p. 52.

Os impressos de alunos, em diferentes níveis de ensino, são documentos importantes para analisar a cultura escolar e suas práticas<sup>5</sup>. Na historiografia da História

<sup>4</sup> Em Santa Catarina, o estímulo também ocorreu a partir da criação dos grupos escolares na reforma de Orestes Guimarães. Em Laguna, no Grupo escolar Jerônimo Coelho, foi criado, em 1914, o jornal *A Escola - Deus, Pátria e Família*. Em 1923, no Grupo Escolar Vidal Ramos era publicado *D. Sancho*. Em Blumenau, em setembro de 1936, o Grupo escolar Luiz Delfino, passa a editar *A Juventude*. Ver Teive; Dallabrida (2011).

<sup>5</sup> Jornais, boletins, revistas, magazines - feitas por professores para professores, feitas para alunos por seus pares ou professores, feitas pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partidos políticos, associações de classe, Igrejas - contêm e oferecem muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, além das práticas educativas e escolares. A imprensa é um *corpus* documental de vastas dimensões, pois se constitui em um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional. É um excelente *observatório*, uma *fotografia* da ideologia que preside. Nessa perspectiva, é um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar (Catani; Bastos, 1997).

da Educação no Brasil encontram-se poucos estudos com impressos escolares ou impressos estudiantis (Amaral, 2002), especialmente aqueles produzidos por alunos da escola primária e anteriores à década de 1950, fato que decorre, principalmente, da pouca conservação de exemplares dos periódicos<sup>6</sup>. Para as produções escolares de alunos do ginásio ou do ensino secundário, temos mais estudos, dentre eles o de Maria Teresa Santos Cunha (2010), que nos serviu de referência, em que analisa a escrita infantil em um jornal manuscrito, intitulado *Pétalas Infantis* (1945-1952), das alunas do curso primário do Colégio Coração de Jesus, dirigido pelas Irmãs da Divina Providência. Nesse documento, a autora toma a escrita como prática de formação pessoal, cívica e religiosa, de aprendizagem da moral ou da civilidade, pelos vários textos escritos e copiados à mão que compõem o periódico.

Nesta perspectiva situa-se o presente estudo, que pretende analisar os escritos de alunos do ensino primário do Colégio Elementar Souza Lobo (Porto Alegre/RS), publicados no jornal *A Voz da Escola* (1934-1940), como prática de formação pessoal, cívica e religiosa, de aprendizagem da moral ou da civilidade. Busca-se analisar os discursos veiculados, que expressam práticas curriculares do cotidiano escolar e suas influências nos modos como os estudantes pensavam, agiam e se expressavam nos espaços de construção de suas identidades.

### O Colégio Elementar Souza Lobo

O Colégio Elementar Souza Lobo foi criado pelo decreto n. 1.917, de janeiro de 1913. O nome é uma homenagem ao professor José Theodoro de Souza Lobo (1846-1913).<sup>7</sup> Em 12 de março do ano seguinte foi instalado no prédio adquirido pelo Estado à Associação de Infância, na Avenida Bahia, arraial de São João, atual bairro São Geraldo. A escola atendia o ensino primário com seis séries. Passou a se chamar Grupo Escolar Souza Lobo a partir de 1939. Em 1976, passou a se denominar Escola de Ensino Fundamental de 1º Grau<sup>8</sup>. Atualmente, permanece no mesmo endereço e atende a alunos do ensino fundamental.

O Colégio Elementar Souza Lobo foi instalado num bairro em pleno desenvolvimento operário no início do século 20. O arrabalde São João, ao lado do arrabalde Navegantes, compreendia uma área industrial em franco desenvolvimento no período republicano. Algumas obras viárias realizadas neste local buscavam soluções para o acesso dessa zona da cidade ao centro e ao porto, como a abertura da Avenida Júlio de Castilhos e o calçamento da Rua Voluntários da Pátria. Era interesse dos governos criarem escolas e

<sup>6</sup> Podemos citar algumas pesquisas com impressos de alunos: Pinheiro (2000); Amaral (2002); Piñeda (2003); Almeida (2009, 2010a, 2010b); Renk (2011) e outros.

<sup>7</sup> Souza Lobo fez seus primeiros estudos no Colégio Caraça, em Minas Gerais; formou-se em engenheiro-geógrafo na Escola Central do Rio de Janeiro. De volta ao Rio Grande do Sul, começou a lecionar Matemática na Escola Normal de Porto Alegre. Em 1877 fundou o Colégio Particular Souza Lobo e um internato, este último esteve em funcionamento por seis anos. Publicou obras didáticas como, por exemplo, a *Primeira e Segunda Aritmética e Compêndio de Geografia*. É patrono de uma das cadeiras da Academia Rio-Grandense de Letras. Ver Porto Alegre (1917).

<sup>8</sup> Alguns diretores da escola foram os professores: Odorico Álvaro Xavier (1914-1918); Branca Diva Pereira de Souza (1918-1939); Carmela D'Aloia Jamardo (1939-1948); Mary Mabilde (1948-1951); Amália Faerman Soares (1951-1956); Iolanda Gomes Klettner (1956-1959); Helena Przylski (1959-1966); Dulce Terezinha Caron Scheeck (1966-1976); Maria Leontina Kümmel Lopes (1977-1983).

moradias em zonas de intensa atividade fabril, já que era necessário alcançar o progresso econômico o desenvolvimento harmônico da sociedade (Possamai, 2009).

A escola era formada por quatro edificações gêmeas, distanciadas entre si, de apenas um pavimento e com porão alto, porém, unidas através dos acessos e corredores. As quatro edificações eram de alvenaria rebocada, telhados de duas águas com telhas cerâmicas, frontão e aberturas seriadas em madeira com caixilhos e bandeiras, três aberturas nas fachadas frontais e oito nas laterais das edificações da extremidade. O acesso dava-se por duas escadarias entre as duas primeiras edificações. Uma espécie de passarela em madeira unia os dois prédios centrais. Com as melhorias recebidas pelo Colégio Elementar Souza Lobo, conforme a Secretaria de Obras Públicas, “acha-se atualmente em magníficas condições higiênicas, isto é, muito ar, muita luz e bom serviço sanitário. É um dos melhores colégios de Porto Alegre” (RS, 1919, p. 12).

Figura 1

Fotografia do Conjunto arquitetônico do Colégio Elementar Souza Lobo.



Fonte: Acervo da Escola de Ensino Fundamental Souza Lobo.

Em 1920 o Colégio Elementar Souza Lobo possuía quase 600 alunos matriculados, sendo que sua frequência ficava em torno dos 500. No ano de 1927, o Colégio alcançou quase 700 matrículas e, em 1929, 17 professores atendiam uma matrícula superior a 800 alunos, com frequência média de mais de 600.

Na década de 1930 o número de alunos aumentou significativamente e chegou a possuir, em 1937, 1.160 alunos matriculados, dos quais 494 do gênero masculino e 666 do gênero feminino. No ano seguinte, 1938, eram 1.334 alunos, sendo 599 do gênero

masculino e 735 do gênero feminino. Possuía, respectivamente nestes anos, 53 e 49 professores.

Transcreve-se o texto *O nosso colégio*, da aluna Argemira Strano (14 anos, 5º ano C), que apresenta uma detalhada descrição da escola em 1938:

#### O nosso colégio

Situado no arrabalde de São João, com uma matrícula superior a mil alunos, o colégio “Souza Lobo” é um dos principais estabelecimentos de ensino de Porto Alegre. Consta de quatro pavilhões rodeados por um vasto terreno. Neste, brincamos e fazemos exercícios físicos, à sombra de velhos eucaliptos. Veem-se, no andar térreo do prédio, doze janelas gradeadas, de forma retangular. Duas escadas levam-nos ao primeiro andar. Este também apresenta doze janelas, um pouco maiores que as outras. Quase todas são gradeadas e arejadas. Estão confortavelmente mobiliadas com classes, armários, quadros negros e mesas. Nas paredes estão mapas, quadros de sistema métrico, de ciências, etc. A biblioteca possui livros úteis e interessantes, que muito gostamos de ler. Existe no colégio um moderno gabinete dentário. Tudo isso é conservado com ordem e asseio. Gostamos do nosso colégio e, com prazer, o frequentamos diariamente. Aqui encontramos bons colegas e aprendemos muita coisa, que mais tarde, nos será útil. (*A Voz da Escola*, n. 2, abr., 1938, p. 3)

#### ***A Voz da Escola (1934-1940)***

Foi possível localizar onze exemplares do jornal *A Voz da escola*, sendo três de 1934, três de 1936, um de 1937, três de 1938 e um de 1940. Os exemplares dos anos de 1936, 1937, 1938, perfazendo sete números, foram localizados em um sebo de Porto Alegre/RS, que os adquiriu de um antigo professor da escola<sup>9</sup>. Outros quatro exemplares, três do ano 1934 e um do ano de 1940, foram localizados no arquivo da Escola Estadual Souza Lobo.

O jornal mensal *A Voz da Escola* era de responsabilidade dos alunos do 6º ano, que assumiam a editoria conforme o quadro abaixo.

#### Quadro 1

Equipe de administração do periódico.

Ano	Data	Número	Diretores	Tesoureiros	N. de páginas
1934	31 julho	2	Geny Boianovski		4
1934	31 agosto	3	Idem		4
1934	20 setembro	4	Idem		6
1936	30 de abril	1	Albertina Cobre Alice Weber	Alda Medeiros Norma Zicche	4
1936	30 maio	2	idem	idem	4
1936	30 setembro	6	idem	idem	4

<sup>9</sup> Não foi possível descobrir o nome do professor.

1937	Julho	4	Sueli Henkel Vilma Lopes	Gleci Linhares Carmem Wisintainer	4
1938	30 abril	2	Ivone Ruthner Norma Koch	Welci Santoro Alice Dias	4
1938	24 junho	4	idem	idem	4
1938	ago-set	6	idem	idem	8
1940	setembro	2	Mafalda Garcia Helena Oehler		6

Fonte: *A Voz da Escola*.<sup>10</sup>

Além da participação ativa dos alunos da 6<sup>a</sup> série, o periódico também trazia contribuições de alunos dos 3<sup>º</sup>, 4<sup>º</sup> e 5<sup>º</sup> anos, conforme o quadro abaixo. Há somente um escrito de uma aluna do 2<sup>º</sup> ano.

#### Quadro 2

Número de contribuições de alunos por ano escolar.

Ano	Data	6º ano	5º ano	4º ano	3º ano	2º ano
1934 <sup>11</sup>	julho					
1934	agosto	4	1	-	-	-
1934	setembro					
1936	abril	6	1	-	1	-
1936	maio	3	1	2	-	-
1936	set.	4	5	2	-	-
1937	julho	2	2	4	1	-
1938	abril	3	4	1	1	-
1938	junho	1	1	3	-	-
1938	ago-set	4	6	5	5	-
1940	setembro	13	1	1	1	1
	Total	40	22	18	9	1

Fonte: *A Voz da Escola*.

O periódico demandava frequentemente solicitações de colaboração aos seus leitores:

#### Aviso

Aos meus caros colegas que quiserem colaborar para o nosso jornalzinho, pedimos trazerem artigos até o dia 12 do mês entrante, na aula da professora D. Vera Simmch. A Diretora. (*A voz da escola*, n. 3, ago., 1934, p. 1)

Uma pequena nota, publicada em abril de 1938 (p. 3), também informa que o periódico resulta de contribuição dos “melhores alunos”: “A ‘Voz da Escola’, que representa o esforço dos alunos mais aplicados, publicará com prazer o nome dos alunos

<sup>10</sup> Muitos números não informam todos os membros da equipe editorial.

<sup>11</sup> Nesse número não há indicação da série dos autores.

que obtiverem as melhores notas nesse exame [marcado para 15 de maio o 1º exame parcial]”.

Nessa linha, também se situa a prática de publicar os resultados dos melhores alunos nos exames por série. Em maio de 1936 o título da matéria é *As melhores alunas no 1º exame parcial* (1936, p. 3; jun., 1938, p. 3), em que constam os três primeiros colocados de cada ano - 3º, 4º, 5º e 6º, seguindo uma prática presente em outros periódicos ou anuários de escola ou de circulação diária. Em abril 1938, em uma nota, o periódico chama atenção para os próximos exames parciais: “Está marcado para 15 de maio próximo o início das provas do 1º exame parcial. *A Voz da Escola*, que representa o esforço dos alunos mais aplicados, publicará com prazer o nome dos alunos que obtiverem as melhores notas” (*Voz da Escola*, abr., 1938, p. 3).

Além dos resultados de exame, os professores enviavam a relação de alunos com nota mais alta nas sabatinas mensais (abr. 1938, p. 3). Essa prática permite perceber quantas classes por série a escola atendia: por exemplo, o 3º ano tinha cinco turmas - A, B, C, D, E, F - e as notas aferidas por alguns alunos, pois não são publicadas para todos.

Da mesma forma, eram publicadas as classes que mais leram os números da *A Voz da Escola*, o que permite verificar sua circulação na escola e sua leitura ser objeto de campanha. O segundo número, de 31 de julho de 1934, expressa o sucesso da iniciativa na seguinte nota:

#### A Voz da Escola

Foi imensa a nossa satisfação quando constatamos que o nosso pequeno jornal tinha sido bem aceito tanto neste colégio como entre as pessoas que se interessam pelo mundo escolar [...] Foi tal a aceitação do pequeno jornalzinho, que em menos de 4 dias já não tínhamos um único número para satisfazer aqueles que com insistência o procuravam. A VOZ DA ESCOLA causou muito boa impressão, se bem que, com grande tristeza nossa, diversas pessoas chegaram a duvidar ser trabalho nosso. (Oda Nunes da Lima, 31 jul., 1934, p. 1)

Cartas dos alunos ou das séries da escola e de outras escolas de Porto Alegre<sup>12</sup> também estão sempre presentes, exaltando a iniciativa e evidenciando a prática de circulação desses impressos:

Colégio Souza Lobo

Porto Alegre, 6 de julho de 1934

Foi com grande satisfação que recebemos o primeiro número do vosso interessante Jornal.

Agradecemos a vossa gentileza e fazemos votos que o apreciado “A Voz da Escola” tenha longa existência.

Pelo 5º ano A

Redatora

Coleta da Silva Carvalho

Colégio Osvaldo Aranha

(*A Voz da Escola*, n. 3, 31 ago., 1934, p. 2)

<sup>12</sup> Uma pista interessante para verificar a circulação do periódico em outros grupos escolares de Porto Alegre é o número de 31 de agosto de 1936, no qual foi publicada carta dos alunos da 5ª série do Colégio Osvaldo Aranha, que acusa o recebimento do primeiro número do ano.

A circulação do periódico abrangia a comunidade do entorno da escola: a família dos alunos, os que colocavam propaganda, entre outros. Por exemplo, no número de setembro de 1934 foi publicado o artigo *Que livros dar aos nossos filhos?*, uma extensa propaganda das edições da Livraria do Globo<sup>13</sup>, com indicação das obras de Lewis Carol, Johanna Spyri, R. L. Stenvenson e destaque da qualidade do conteúdo, das ilustrações de J. Fahrion e do gênero da tradução cuidadosa.

O editorial, escrito pela aluna diretora Alice Weber (6º ano), intitulado *A voz da escola*, mostra que o jornal era apreciado pela comunidade escolar:

Aparece hoje galhardamente *A Voz da Escola* que, vibrante, chama os alunos do Colégio Souza Lobo a virem colaborar na obra meritíssima, cujo fim é consolidar os laços de solidariedade entre nós. Cultivando o espírito de cooperação, vamos aprendendo a ser úteis a nós mesmo, ativando a nossa capacidade de raciocinar, e aos colegas, dando-lhes ensejo de fazerem realçar os dotes morais, porque revelam as qualidades que lhes adornam as almas na maneira como se exprimem e fazem brilhar os seus conhecimentos, burilando-os com a energia de quem deseja ascender para o alto da escada infindável do progresso. “*A Voz da escola*” com o maior carinho dirige-se à esforçada e distinta Diretora do Colégio Souza Lobo, apresentando a esta sábia orientadora votos de longa vida, plenas venturas. Felicidades ao nosso querido Colégio que, como estrela de fulgor sem par, se ostenta o céu da Instrução Pública. (*A Voz da Escola*, n. 1, 30 abr., 1936, p. 3)

O periódico apresenta-se em tamanho tablóide (33x24 cm), impresso em papel jornal, com quatro, seis ou oito páginas, muita propaganda, algumas ilustrações na capa decorrente das aulas de desenho, fotos de turma de alunos. A diagramação da página é dividida em três colunas, a mesma em todos os números disponíveis. Com tiragem de 300 a 500 exemplares, era vendido ao preço de 200 réis, conforme consta nos créditos, e impresso pela Typografia São Geraldo<sup>14</sup>, localizada no mesmo bairro da escola. Posteriormente foi editado pela Imprensa Oficial, o que evidencia a importância e o apoio do governo a essa atividade escolar.

<sup>13</sup> Sobre a Livraria do Globo, ver Torresini (1999).

<sup>14</sup> Na propaganda da tipografia, consta que é propriedade dos Irmãos Normann, situada na Avenida Eduardo, 1211.

Figura 2  
Capa do jornal *A Voz da Escola*, n. 3, 31 ago., 1934.



Fonte: *A Voz da Escola*.

A última página é totalmente dedicada à propaganda, em espaços divididos em oito pequenos quadrados, com anúncios variados: relojoaria, fábrica de massas, fábrica de móveis, tipografia, armazém, confeitoria, padaria, secos e molhados, sapataria, armarinhos, lojas, bazares, livraria, farmácias, consultórios de dentistas, fotógrafo, registro de nascimentos. Pelos endereços dos anúncios é possível perceber que a maioria se situa nas proximidades da escola. Também se pode aventar pertencerem ou estarem ligados aos alunos da escola, como familiares ou parentes. Cabe destacar o anúncio de aula diurna particular do professor Ricardo Dastís, que ensina português, francês e matemática, em sua casa, na Rua São Pedro, 602, na região próxima da escola. Uma exceção é o número de setembro de 1936, que só tem dois anúncios pequenos. Observa-se que, nesses anos que cobrem os exemplares que dispomos, as propagandas mantêm-se inalteradas na diagramação e nos anúncios, sempre os mesmos com pouca variação de um número para outro.

Figura 3

Contra-capa do jornal *A Voz da Escola*, n. 2, 30 maio, 1936.

*ROA*

A VOZ DA ESCOLA		Página 4
<p><b>Consultorio Dentario</b>  <b>Dr. Julio da Silva Gatti</b>  <b>RUA SÃO PEDRO 862</b></p> <p><b>CONSULTAS:</b> das 8 às 11 1/2 e das 14 às 21 horas  <b>PORTO ALEGRE</b></p> <p><b>Clinica infantil GRATUITA</b></p>	<p><b>Casa Publicadora CONCORDIA</b></p> <p><b>Rua São Pedro 639 — Tel. 3029</b></p> <p><b>Livraria, Typographia, Encadernação e Pautação</b></p> <p><b>Artigos para Colégios — Artigos para Escritório</b></p> <p><b>Divros em branco e miudezas</b></p>	
<p><b>Massas de Semolas</b>  <b>DAMIANI</b>  <b>São as preferidas</b></p> <p><b>Avenida Veneza N. 120</b>  <b>Phones 63.82 — 30.93</b></p>	<p><b>Economise comprando</b></p> <p><b>Cammas — E — Fogões</b>  <b>Rossi &amp; Irmão</b>  <b>RUA DO ROSARIO, 810</b>  <b>Porto Alegre - Av. Eduardo 1278</b></p>	
<p><b>Tire o seu retrato</b></p> <p><b>FOTO WOLF</b>  <b>RUA SÃO PEDRO, 616</b></p>	<p><b>Farmacia Estrela</b></p> <p><b>de Berthelde Mario Thebich</b>  <b>Rua São Pedro n. 806, esq. Pernambuco</b>  <b>TELEFONE 7588</b>  <b>Completo sortimento de produtos Nacionais e estrangeiros.</b></p>	
<p><b>Bazar e Confeitaria</b>  <b>Düring</b>  <b>de FRANCISCO DÜRING JOR.</b></p> <p><b>Vidros, Louças — Sortimento completo em artigos para colégios e para presentes</b></p> <p><b>AVENIDA EDUARDO 1822</b>  <b>PORTO ALEGRE</b></p>	<p><b>AO POPULAR</b></p> <p><b>Ali encontrareis bebidas, cigarros, confeitos, fructas, doces, pão, cucas etc.</b></p> <p><b>Acceita-se toda e qualquer encomenda de doces para festas</b></p> <p><b>Rua São Pedro, 920</b>  <b>ESQ. AV. BAHIA</b>  <b>JULIO MARTINS</b></p> <p><b>TYPOGRAPHIA CRUZEIRO</b></p> <p><b>Impresses em Geral</b></p> <p><b>Carimbos de Borracha</b>  <b>Clichés</b></p> <p><b>Rua São Pedro 708</b>  <b>Telephone 3194</b></p>	

Fonte: *A Voz da Escola*.

Além dos anúncios, que ocupam espaço específico, há pouca ilustração.

Figura 4

Capa do jornal *A Voz da Escola*, n. 6, ago./set., 1938.



Fonte: *A Voz da Escola*.

A capa do número de 1938 é toda ocupada pelo desenho do aluno Sérgio de Pinto, intitulado *A Pátria*, com a seguinte legenda, escrita por um aluno de 14 anos, que não foi possível identificar o nome:

Nós te saudamos oh! Brasil, Pátria nossa, bela, magnífica. Genuflexos diante do pavilhão auriverde, que é tua imagem augusta, sentimos a responsabilidade imensa de sermos brasileiros, e juramos por essa cruz que simboliza a Fé cristã que, probos e trabalhadores, saberemos engrandecer-se o nome. Impetramos ao anjo da paz que continue a envolver-nos em suas irradiações de harmonia e de amor. (*A Voz da Escola*, n. 6, ago./set., 1938, p. 1)

Essa mensagem, que une patriotismo e fé cristã, permite pensar como no cotidiano escolar a laicização do ensino estava longe de se tornar uma realidade<sup>15</sup>. Da mesma forma, é emblemática a única contribuição direta de uma professora no periódico. Intitulada *O Brasil e a fé cristã*, escrita por Virginia Batista de Oliveira (ago./set., 1938, p. 5), que faz um breve relato da história do Brasil e da presença da Igreja, para concluir com a seguinte mensagem de civismo e religiosidade:

A Fé, pois, tem sido o teu guia salvador em tua ascensão gloriosa; e é por isso que eu creio no teu destino vitorioso! E esta crença mais se revigora quando eu contemplo no teu lindo Céu, como uma benção de Deus, a Cruz formada de estrelas brilhantes, a Cruz - o símbolo da Fé, com os braços estendidos, ensinando neste gesto de bondade aos teus filhos que se amem uns aos outros, pois que da *Harmonia, da Paz e da Ordem* nascerá o *Progresso* como o proclama bem alto o nosso glorioso Pavilhão auriverde. (*A Voz da Escola*, ago./set., 1938, p. 5)

Também se encontram alguns outros desenhos em pequenos espaços entremeando os textos no número de ago./set. 1938. É publicada uma história muda, *A aventura de Zésinho*, composta de seis pequenos quadros compostos pela aluna Nelly Mourcei (11 anos, 4º ano). Também traz uma foto dos alunos alfabetizados nesse ano, cuja localização na página três é bastante significativa, pois acompanha textos ligados à educação e escola: *A instrução, A vida no colégio, D. Branca Diva Pereira de Souza, A minha aula*.

A capa de setembro de 1940 é ilustrada com duas fotografias de autoridades públicas: o prefeito de Porto Alegre, José Loureiro da Silva, acompanhando um texto sobre a cidade de Porto Alegre e, uma homenagem à diretora de Instrução Pública, Olga Acauan Gayer<sup>16</sup>.

O exemplar de setembro de 1940 apresenta uma particularidade não presente nos demais números: em todas as páginas, no alto ou no pé de página, há frases destacadas

<sup>15</sup> No Relatório de 1938, enviado ao governo do Estado, a diretora Branca Diva Pereira de Souza relata a situação do ensino religioso ministrado na escola: "Pela observação do gráfico do ensino religioso, vê-se que o número de crianças deste colégio, não católicas é muito diminuto pelo que tem sido muito fácil ministrar esse ensino, não havendo nenhum atrito entre católicos e não católicos e alunos de outras crenças. Talvez pelo diminuto número, não tenha havido reclamação para que lhes dê o ensino de acordo com suas crenças. Todos se conservam em aula, na hora da religião".

<sup>16</sup> Renk (2001), ao analisar os jornais escolares na coletânea *Imprensa escolar do Estado do Paraná* (1939-1942), também assinala o culto às autoridades nacionais e estaduais por meio de imagens, textos, poesias. Além disso, havia textos sobre datas cívicas, deveres dos alunos, culto à Pátria, etc. Esses jornais escolares do Paraná têm a particularidade de serem publicados somente em datas cívicas: 21 de abril, 7 de setembro, 15 de novembro. Ver Stein (2008).

de incentivo ao civismo, ao amor à Pátria, e de valorização da escola e de suas instituições:

Auxiliar os dirigentes da Pátria é sagrado dever. Sedes generosos para com a caixa escolar que ampara os necessitados. No escrínio da terra é o Brasil a jóia mais preciosa. A caixa escolar é uma instituição providencial: favorecê-la é servir o Brasil. Nossa Pátria é a mais bela e a mais rica do mundo. (*A Voz da Escola*, ano 7, n. 2, set., 1940)

Em todos os números há a preocupação de identificar o autor, idade e série que frequenta na escola. Observa-se uma variação muito grande de idade, no mesmo ano, de quem escreve, o que permite pensar que as turmas apresentavam uma heterogeneidade etária. Se pensarmos que a entrada na escola se fazia com sete anos completos, estar na terceira série com oito anos, parece adiantado. O contrário também: estar na sexta série com 17 anos é um atraso significativo, pois a idade média de término seria de 12 a 13 anos.

Quadro 3  
Idade dos colaboradores no periódico.

Série/idade	6º ano	5º ano	4º ano	3º ano
17-16	1	1	-	
15-14	6	2	3	
13-12	9	12	6	
11-10	4	3	7	
9-8			1	1

Fonte: *A Voz da Escola*.

Outro dado: é a massiva presença da autoria feminina (69) em relação aos autores homens (17), o que permite a publicação do periódico resultou de mais empenho e dedicação das alunas.

Os textos publicados são histórias produzidas pelos alunos. As contribuições decorrem de trabalhos em diferentes disciplinas, mas as mais frequentes são Português, redações com temas variados, e História. Também aparecem poemas, pensamentos, adivinhações, enigmas, anedotas, correspondências, recebidas ou enviadas por alunos, autobiografias, listas de nomes com as notas dos melhores alunos em avaliações parciais, nos exames, notas sociais de aniversários e festas da escola, notícias do Clube de Leitura<sup>17</sup>, promoção de sorteios.

Para exemplificar, selecionamos o número 1 de abril de 1936 para podermos analisar o que escrevem os alunos como resultado de seus trabalhos escolares.

<sup>17</sup> A criação de bibliotecas e clubes de leitura era incentivada no período como estratégia de nacionalização do ensino e contribuía para a integração das colônias estrangeiras e “mostrando aos pequenos as maravilhas e riquezas do Brasil, despertando-lhes o orgulho de serem brasileiros”. Como um eficiente recurso para o processo de nacionalização do ensino, também auxiliaria o professor na sua atividade de ensino, para “motivar a atividade das crianças em certas matérias em si áridas” (Bastos, 2005, p. 216)

Quadro 4

Textos escritos e autores no número de 30 de abril de 1936.

Ano/n.	Título	Autor	Idade	Série
1936-1	O Mártir da Independência	Dina Santalucia	8 anos	3 <sup>a</sup>
1936-1	A mentira	Nei Meucci	12 anos	5 <sup>a</sup>
1936-1	O Trabalho	Tereza Capaverde	-	6 <sup>a</sup>
1936-1	Tiradentes	Alda Medeiros	17anos	6 <sup>a</sup>
1936-1	21 de Abril	Dorothy F. Vieira Ema Schiavon	-	6 <sup>a</sup>
1936-1	Minha primeira boneca	Suely Henkel	-	5 <sup>a</sup>
1936-1	14 de abril	Alice Weber	14 anos	6 <sup>a</sup>
1936-1	O meu colega	Siloé Pedroso	12 anos	6 <sup>a</sup>
1936-1	Autobiografia	Albertina Cobre	13 anos	6 <sup>a</sup>
1936-1	Notas sociais, adivinhações, sorteio, Clube de leitura			

Fonte: *A Voz da Escola*.

Para evidenciar o tipo de escritos de alunos que são publicados, fizemos uma tabulação com quatro palavras-chave que permitem analisar as ênfases de temas que circularam no periódico.

Quadro 5

Tabulação dos temas por número.

Ano	Data	História	Civilidades	Colégio	Outros
1934	Julho	2	2	6	2
1934	Agosto	1	1	8	6
1934	Setembro	3	2	2	4
1936	Abril	4	4	-	2
1936	Maio	4	1	3	1
1936	Setembro	7	3	1	1
1937	Julho	4	3	3	2
1938	Abril	6	1	3	1
1938	Junho	4	2	2	2
1938	Ago./set.	9	7	8	3
1940	Setembro	6	8	2	9
	Total	50	34	38	33

Fonte: *A Voz da Escola*.

A maioria dos textos é de temas ligados à disciplina de Estudos Sociais, que compreendia conteúdos de História, Geografia, Moral e Cívica e que compunham o currículo do ensino primário. Parte significativa tem estreita ligação com datas e festas cívicas. As festividades de veneração à pátria - de seus símbolos, heróis, datas, fatos - exteriorizavam a ação pedagógica da escola na formação do novo homem brasileiro com

padrões cívicos e nacionalistas. A escola é estimulada a criar instituições e atividades com o objetivo de desenvolver um programa cívico-cultural voltado à construção da identidade nacional. O jornal da escola expressa o engajamento com a política educacional do período de “nacionalização do ensino e de reconstrução educacional” (Bastos, 2005, p. 218).

Figura 5  
Fotografia da Semana da Pátria, 3º ano, 1938.



Fonte: acervo da Escola de Ensino Fundamental Souza Lobo.

No que se refere aos conteúdos de História e Moral e Cívica, registram-se as atividades que as autoridades educacionais estimulavam a serem realizadas na escola: Dia da bandeira (seis textos), O mártir da independência, Tiradentes (quatro textos), O herói de Tuiuti, A princesa redentora (dois textos), general Manoel Luiz Osório, A escravidão no Brasil, 7 de setembro (três textos), Minha terra, Batalha de Riachuelo, Revivendo fatos da nossa história: 24 de maio, Batalha Naval de Riachuelo, O patriarca da independência, A riqueza da pátria. Além desses textos, várias biografias de personagens da história: José Maurício de Nunes Garcia, Felipe dos Santos, Carlos Gomes, dr. Maurício Cardoso, Bento Gonçalves, Júlio de Castilhos.

Cabe destacar a publicação do artigo do diretor de Instrução Pública, Othelo Rosa<sup>18</sup>, especialmente escrito para o periódico, intitulado 20 de setembro, alusivo às

<sup>18</sup> Posteriormente, Othelo Rosa ocupou a Secretaria de Educação e Saúde Pública, criada em 1935.

comemorações da Revolução Farroupilha/RS (1835-45). O artigo termina com a exortação aos leitores se espelharem na bravura e no exemplo daqueles que enalteceram o nome do Estado:

A “epopéia” é, para nós, um padrão de orgulho. E assim devemos todos, principalmente as novas gerações, honrar a sua memória, com sinceridade e gratidão, com entusiasmo e fervor cívico, no próximo ano, em que se comemorará a passagem do primeiro centenário do glorioso feito de nossos antepassados. (*A Voz da Escola*, ano 1, n. 4, 20 set., 1940, p. 1-2)

Também escritos sobre a data do dia Pan-Americano, atividade cívica estimulada pela Divisão Geral da Instrução Pública/RS<sup>19</sup>. A aluna Alice Weber (14 anos, 6º ano B), assim escreve sobre o dia 14 de abril:

Neste dia prestamos homenagem à confraternização dos países Pan-Americanos. Si ele tem sua mãe comum, que é a América, muito justificável é este gesto de se considerarem irmãos. O Brasil, que sempre se distinguiu pelos sentimentos nobres de sua gente, sente-se orgulhoso e ao mesmo tempo enternecido ao estreitar num complexo de verdadeira amizade à Argentina, o Uruguai, Paraguai, México, Estados Unidos, Canadá, Bolívia, e todas as outras nações que constituem a grandeza deste belíssimo Continente, descoberto pelo excelsa genovês Cristóvão Colombo. Oxalá Deus, em sua infinita misericórdia, permita sejam cada vez mais poderosos os vínculos que ligam as nações Pan-Americanas. (*A Voz da Escola*, n. 1, abr., 1936, p. 3)

Destaca-se, ainda, a publicação da *Canção do escoteiro* e do *Código do escoteiro* (jun., 1938, p. 1 e 3, respectivamente), cuja data era comemorada no Estado em 23 de abril. Na perspectiva de construção de nacionalidade, era incentivada a criação de grupos de escoteiros por sua ação cívico-pedagógica, por desenvolver disciplina e consciência de deveres e responsabilidades fundamentais para a formação do caráter dos futuros cidadãos brasileiros<sup>20</sup>. O escotismo, no Rio Grande do Sul, teve estreitas vinculações com a comunidade teuto-brasileira e necessitou, por isso, também ser nacionalizado e aproveitado como estratégia para a integração nacional.

<sup>19</sup> O Dia Pan-americano foi instituído no dia 14 de abril de 1942, com o objetivo de desenvolver o “sentido espiritual da cordialidade e cooperação das nações”. Entre as atividades comemorativas do dia, situava-se o concurso de frases de saudação aos países americanos, realizado nas escolas da capital do estado. As frases deviam ser redigidas pelos alunos, “permitindo-se também a interpretação de fontes de valor histórico ou cívico”, compreendendo alusões aos 21 países (Bastos, 2005, p. 208-233).

<sup>20</sup> Em 1932, através da circular n. 874, as autoridades estaduais destacaram o valor da instituição de escotismo por “estimular o civismo da criança, formando bons caracteres de futuros cidadãos brasileiros”, recomendando a sua criação, em caráter particular, nos colégios e grupos, regendo-os pelo seguinte código: “a palavra de um escoteiro é sagrada. Ele coloca a honra acima de tudo, mesmo de sua própria vida. O escoteiro sabe obedecer. Ele comprehende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral: é um homem de iniciativa; aceita em todas as circunstâncias a responsabilidade de seus atos; é cortês e leal para com todos; considera todos os outros escoteiros como seus irmãos sem distinção de classes sociais; é valente e generoso, sempre pronto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da própria vida. Pratica cada dia uma boa ação, por mais modesta que seja; estima os animais e opõe-se a qualquer crueldade contra eles; é sempre jovial e entusiasta e procura o bom lado de todas as coisas; é econômico e respeitador do bem alheio; tem a constante preocupação de sua dignidade e do respeito de si mesmo” (RS/Circular n. 874, 24 mar. 1932). Sobre o escotismo no Brasil, ver Nascimento (2008).

O secretário de educação, José Pereira Coelho de Souza, estimulou a organização de grupos de escoteiros nos estabelecimentos de ensino e enviou ofício circular às direções de escolas da capital, no qual recomendava a organização de tropas escoteiras nas escolas sem prejuízo dos programas e horários regulares (Bastos, 2005).

Outros textos são relativos às datas dia das mães, dia da árvore, dia da páscoa. O conjunto de textos publicados expressa a organização do tempo e do espaço escolar mediada pelas festas religiosas e datas nacionais. As festividades escolares em datas cívicas - dia da Bandeira, Pan-American, Proclamação da República, Independência, Descobrimento do Brasil -, precisavam ser comemoradas, em um grande esforço educativo e de mobilização. Além do espírito nacional, também deveria ser buscada a unidade espiritual, que envolvia a valorização e incentivo ao culto dos símbolos, rituais e conteúdos cristãos proporcionados pela Igreja Católica (Cunha, 2008).

O segundo grupo de textos corresponde à categoria que intitulamos civilidades e que representou, na educação escolarizada, papel importante. Ensiná-la não era inculcar regras, mas fazer os alunos vivenciá-las. Para Cunha (2010, p. 5),

significava, igualmente, uma forma de disciplinar as mentes pela prescrição de normas de comportamento sociáveis, em um intenso esforço de codificação e controle dos comportamentos para conter as sensações e movimentos do corpo e da alma - o que era um dos objetivos a alcançar para a educação escolar nesse período.

Nesta perspectiva, são publicados textos cuja temática volta-se a valorizar ou condenar certas atitudes. O texto intitulado *O trabalho* (abr., 1936, p. 1), da aluna Tereza Capaverde, 6º ano, exalta o trabalho: “Assim, devemos trabalhar, para obtermos o progresso, a virtude e a elevação. A pessoa que trabalha progride” e condena a ociosidade, compreendida como não saber lutar e vencer.

A história *A mentira* (abr., 1936, p. 1), de Nei Meucci, 12 anos, 5ª série B, é significativa, pois relata o castigo impetrado por uma mãe a quem mente: “a mãe para castigá-lo da mentira, deu-lhe o remédio que as crianças não gostam - óleo de Rícino”. Outros títulos também exemplificam essa recorrência: *A caridade*; *Deus vê tudo*; *A mais bela*, que exalta a beleza da alma; *Ama a teu próximo como a ti mesmo*; *Travessuras*, em que exalta o zelo pelo que nos pertence; *A vida escolar de Rute*, que exalta os estudos e os prêmios que decorrem das notas altas em oposição à vadiagem; *Castigo à desobediência*, de Sila de Vasconcellos, finaliza com a *Moral - a desobediência produz sempre frutos amargos*.

Também questões ligadas às regras higiênicas são publicadas, resultado de atividades realizadas na disciplina Ciências Naturais: cuidados contra as moscas, o mofo.

No número de setembro de 1940 consta a chamada *Página da saúde*, na qual é salientada a importância do exame médico escolar. O artigo principal, escrito pelo médico de higiene escolar Alfredo B. Hofmeister, inicia com o apelo para conscientização e colaboração dos pais dos alunos para execução do programa social do Departamento Estadual de Saúde<sup>21</sup>. Nesse mesmo número é publicada a redação do aluno Romeu

<sup>21</sup> Ver Bastos (2005), Stephanou (2005).

Stortz, 6º ano, em que desenvolve os dez princípios para a conservação da saúde: solo saneado, ar puro, água depurada, luz solar em abundância, habitações higiênicas, alimentação sadia, asseio corporal, ginástica racional, trabalho, repouso, distração, pureza de pensamentos, palavras e atos. A redação é finalizada com a frase de cunho moral e religioso: “Nossos atos devem dar mostras de que somos cristãos e seguimos com amor os ensinamentos do Divino Mestre, o nosso amado Jesus” (*A Voz da Escola*, ano 7, n. 2, set., 1940, p. 8).

O jornal publica o movimento e o atendimento médico dos alunos, já que o grupo escolar tinha em suas dependências um gabinete médico-odontológico.

Figura 6

Fotografia da diretora Branca Diva no consultório dentário da escola, s/d.



Fonte: acervo da Escola de Ensino Fundamental Souza Lobo.

Também traz textos sobre os cuidados com os dentes, por exemplo, *Evite isto!*, no qual a higiene bucal é associada ao nível de cultura de um povo:

Devemos tratar dos dentes, porque assim exige a educação. Qualquer observador poderá desde logo distinguir a cultura e a educação de um ser, pelo estado de conservação de seus dentes. A verdade diga-se, sem ferir a quem quer que seja: a conservação dos dentes representa grau de

cultura elevada e regra de bem viver. (*A Voz da Escola*, n. 2, set., 1940, p. 3)

As inúmeras notas sociais, com cumprimentos pelos aniversariantes do período, expressam uma prática de sociabilidade estimulada pela escola. São noticiados aniversários de alunos e professores. Destacamos em dois números (set., 1936, p. 2 e ago./set., 1938, p. 3), notícias pelo transcurso do aniversário da diretora Branca Diva Pereira de Souza, cujas festividades constaram de missa, discurso da professora e de uma estudante, entrega de flores. Transcrevemos abaixo a mensagem publicada em 1938, sem autoria:

As mãos carinhosas de Terezinha de Jesus espalham dos céus as rosas que sempre oferecerá ao Divino mestre e as pétalas destas flores perfumadas pelo seu amor, bailando no ar, tão belas e tão leves, convidamos a homenagem nossa querida Diretora, cujo aniversário natalício transcorrerá a onze de setembro. Aliemo-nos às enviadas celestes, oferecendo-lhe também todo o aroma do nosso afeto, da imorredoura gratidão dos alunos do Colégio Souza Lobo (*A Voz da Escola*, n.6, ago./set., 1938, p. 3).

A seção *Admiro* (ago./set., 1938, p. 4), que resulta da colaboração de diversos alunos de diferentes séries, expressa o conjunto de virtudes valorizadas e estimuladas: a boa vontade de ainda colaborar para o centro de interesse, o bom comportamento da Laci, o esforço da Celmira para sempre estar no primeiro lugar, a bondade da menina Eli, a delicadeza da Virgília para com os colegas, o capricho com que Adélia faz os exercícios escolares, a seriedade do Hélio em aula, a bondade de Sueli Dalva, a aplicação de Ieda, a inteligência de Selena, os bons modos da Nádia na fileira e na aula. Também a seção *Eu vi*, como o título expressa, traz comentários anônimos de colegas sobre outros, com destaque para os comportamentos positivos apresentados.

O poema da aluna Siloé Pedroso (12 anos, 6º ano B), com o título *O meu colega* (abr., 1936, p. 3), expressa em algumas estrofes os comportamentos esperados dos alunos na escola:

Em nossa aula há 30 alunos  
E são todos exemplares  
Obedecem a professora  
E são bons escolares [...]  
Com ele nunca me sento  
Porque quero ficar quieto  
E ter bom comportamento.

Um conjunto de textos se vincula à vida escolar e, especialmente, ao Colégio Elementar Souza Lobo: *A vida escolar de Rute* (jul., 1937, p. 2); *O nosso Colégio* (abr., 1938); *A instrução, A vida no colégio, A minha aula* (ago./set., 1938, p. 3). São textos que fazem apologia do valor da instrução: “é ela que nos faz conhecer o nosso belo País e outras nações, tanto quanto à geografia como a história, as maravilhas do Universo; a fonte suprema de todo o bem - Deus”; dos professores: “como é edificante a vida das professoras, destas missionárias que nos guiam os passos”; dos estudos: “estudemos

aplicadamente, para provarmos com fatos e não palavras o amor intenso, que nos faz vibrar as cordas mais íntimas de nossas almas, de emoção, ao pensarmos em todas as belezas físicas e morais que adornam a mais bela das pátrias".

### Estudar

Nem uma só profissão por mais modesta, pode ser escolhida pelo menino que não souber ler, que não possuir noções gerais de letras e de ciências. Estudem, pois. Saibam aproveitar o sacrifício dos pais que desejam encaminhar os filhos a conquista de um futuro que lhes garantirá a vida feliz e honrosa. E como aproveitar tão grande dedicação dos pais? Estudando, dedicando-se ao labor proveitoso e eficaz mantendo respeitosa obediência aos pais, aos mestres, praticando o bem e nunca, absolutamente nunca, agindo de maneira a provocar censura de outrem. Luvi Anzolch (*A Voz da Escola*, n. 2, jul., 1934, p. 1)

Também o professor é objeto de escritos que, apesar de certa ingenuidade, expressam expectativas correntes na época<sup>22</sup>:

### Qualidades de uma professora

Ao meu ver uma professora devia ser: Bondosa, paciente, severa, mas não demais. Ser justa para com os alunos e não querer mais este do que aquele. Uma professora por mais feia que seja tem que cuidar de sua pessoa. Uma das coisas que muito me atrai é a professora variar de toilette. Como fico contente em ver o dia em que minha professora varia de vestido. Margarida Presta. (*A Voz da Escola*, n. 3, ago., 1934, p. 2)

Há um universo de artigos escritos na primeira pessoa: as férias escolares, meu aniversário, autobiografias. Para Bishop (2010, p. 2), essas escritas com "narrações de acontecimentos vividos" são expressão de "escrita de si", em que o autor é o objeto mais ou menos autêntico de seu texto. Cita como exemplo as redações relativas às férias escolares, aos fins de semana, aos passeios familiares, ao cotidiano familiar ou escolar, noite em família, uma festa familiar, o dia de hoje. Também considera os exercícios de escrita epistolar, as tarefas ligadas ao ensino moral e cívico como escritas de si.

A redação de Doroti Barbosa dos Santos (10 anos, 3º ano C), descreve as férias de inverno como uma continuidade da escola, pois não relata nenhuma brincadeira, folguedo ou passeio:

### As minhas férias

Passei as minhas férias de inverno muito feliz. Nunca abandonei o livro, completamente. Estudava, todos os dias, uma hora. Nos domingos, lia durante trinta minutos. Descansei o suficiente. Voltei à escola para trabalhar muito, para contentar a meus pais e sair aprovada no fim do ano. (*A Voz da Escola*, ano 7, n. 2, set., 1940, p. 2)

<sup>22</sup> Sobre as professorinhas da nacionalização, ver Bastos (1994).

Ao contrário, as férias de verão de Lilia Maria Brum Pereira (9 anos, 4º ano D), que sinaliza a data de início e término, descrevem a região para onde foi e assinalam particularidades da zona de imigração italiana:

**As minhas férias**

As minhas férias começaram no dia 16 de dezembro. Fui para fora, para Monte Belo. Monte Belo é colônia italiana; lá, há muita uva e também muitos figos. Comi tanto! Imaginem que aumentei 2 quilos. Passei 15 dias que foram uma delícia. Voltei da serra muito triste e aqui emagreci de novo. As férias terminaram em fevereiro e então voltei novamente para o colégio. Estou muito contente, pois minha professora é muito boazinha.

(*A Voz da Escola*, ano 5, n. 4, 24 jun., 1938, p. 3)

Destaca-se a publicação frequente de autobiografias, que expressam uma prática escolar de escritas de si. Nas atividades de escritas infantis escolares, Bishop (2010, p. 131) identifica quatro posições do narrador: autobiográfica, de observador, de opinião, de ficção:

**Autobiografia**

Nasci em 22 de setembro de 1921. Meus pais são Oscar e Lidia Timm, todos naturais brasileiros. Quando em pequena tive várias doenças. Tive a bronquite da qual aos 7 anos fiquei boa. Certa vez, brincando descalça, pisei-me em um vidro e para tirá-lo de meu pé fui até ao hospital. Tinha uma veia dilatada no rosto, e diversas vezes fui à beneficência aplicar o rádio. Entrei para o colégio aos 7 anos, sem perder ano nenhum até o 6º. Quando estava no 5º ano recebi a medalha do Correio do Povo. Gostei muito de estudar e pretendo continuar os estudos para formar-me em Letras. Odila Timm (*A Voz da Escola*, n. 3, ago., 1934, p. 2)

Outros textos parecem ser resultado de atividades da disciplina de Língua Portuguesa, como redações e histórias criadas pelos alunos: *A ceguinha*, *O pastorzinho*, *Reflexões sobre um velho barco*, *Um serão em família*, *As minhas férias*, *As aventuras do anãozinho Pafúncio*. Também aparecem produções resultantes de atividades extra-escolares promovidas pela escola: *Um passeio à praia florida*.

O texto *Elocução de uma gravura: a menina e o sapateiro* (*A Voz da Escola*, ano 4, n. 4, jul., 1937, p. 2), da aluna Heloísa Meireles Duarte (3º ano E), parece resultar de um quadro mural colocado pela professora como estímulo à redação/composição, prática escolar estimulada pela Escola Nova, em uma passagem lenta da premissa da observação para a experimentação<sup>23</sup>.

A contribuição da aluna Ieda L. Kionka (13 anos, 6º ano B), intitulada *Exercícios físicos* (ago./set., 1938, p. 2), resulta das aulas de Educação Física, em que traduz os ensinamentos recebidos: “A ginástica bem ordenada, sob a fiscalização de bons mestres, é de grande utilidade na infância, pois ativa a circulação, amplia os movimentos e aumenta o apetite. [...] é indispensável na infância e na mocidade”.

Cabe ainda assinalar a publicação de contribuições de autores nacionais, os quais devem ter sido objeto de estudo em sala de aula ou no Clube de Leitura, iniciativa

<sup>23</sup> Ver Bastos, Lemos, Busnello (2006).

presente na maioria dos números e que alimenta as seções do jornal com biografias e notícias sobre o sorteio de livros:

#### Clube de leitura

Temos tirado muito proveito dos ensinamentos adquiridos no clube de leitura, o qual é dirigido pela esforçada professora D. Raquel Brasil. Esta tem nos falado sobre alguns autores célebres, como Gonçalves Dias, Machado de Assis, D. Julia Lopes de Almeida e Fagundes Varela. Damos neste número a biografia de Fagundes Varela. (*A Voz da Escola*, n. 3, ago., 1934, p. 1)

#### Minhas colegas

Caras colegas, a Escola é a Vida, com seu lindo céu azul, com suas macieiras em flor, com as suas saudades, as suas inquietações. A passarada é este bando risonho de esperanças, esses jovens alunos que organizam no Colégio Souza Lobo o seu “Clube de Leitura” e o seu jornal. Mas assim como o pássaro precisa sentir a amplitude do céu e a beleza das flores, para cantar e ser feliz, também este punhado de jovens precisa de vosso amparo, colegas para cooperar para a glória de um Brasil mil vezes adorado! Colegas, amparai “A Voz da Escola”! Dai cinco tostões por mês, isso não vos redundará em sacrifício e tereis a consciência de haver cooperado para o florescimento de uma semente futura! Amparamos esta juventilidade e veremos então sobre as macieiras em flor deste lindo Brasil o canto de uma lindíssima passarada! Colegas, amparai “A Voz da Escola”! Raquel F. de Castro Brasil. (*A Voz da Escola*, n. 3, ago., 1934, p. 1)

Do número 1 ao número 4 de 1934 é publicada, como folhetim, a história *A valsa da fome*, de Júlia Lopes de Almeida<sup>24</sup>. Coelho Neto aparece com o texto *A escolha*, publicado em três números (jun./jul./ago./set., 1937); Olavo Bilac com o poema *As velhas árvores* (set., 1936, p. 4), juntamente com a redação da aluna Dalva Dias (13 anos, 5º ano A) sobre a Árvore, para destacar a entrada da primavera e a utilidade da árvore para a vida cotidiana. De Delgado de Carvalho é publicada uma citação em que destaca a importância das matérias primas para o desenvolvimento econômico da nação.

#### Conclusão

As elites brasileiras acreditavam que pela instrução moral e cívica do povo atingir-se-ia a regeneração do país, condição essencial para a construção de um *ethos* capitalista moderno. A manutenção da ordem dar-se-ia, em grande parte, por meio da moral e da educação. A ação moralizante não deveria limitar-se ao espaço da escola: devia alcançar a família através das crianças.

Para Anne-Marie Chartier (2007), a moral laica estava baseada na dignidade do homem, uma dignidade que dava direitos e, mais ainda, deveres, tanto para consigo mesmo, quanto com relação aos outros. O professor devia inspirar no seu aluno, pelo exemplo, o sentimento de dever e de trabalho, considerado a mola propulsora do progresso da nação e o mais importante dever. Assim, escritos de alunos sobre trabalho, mentira e outros já citados evidenciam as atitudes esperadas do futuro cidadão.

<sup>24</sup> Ver Vidal (2004).

Desde o século 19, o Estado educador produz e põe em circulação uma série de dispositivos discursivos e práticas disciplinares que objetivam a reconstrução social e a estabilidade política pela escola. A formação do cidadão para o cumprimento das normas e regras sociais destina-se a alcançar a harmonia individual e social. Nesta perspectiva, ontem, como hoje, a educação do caráter nacional é o mote para os projetos de modernização da sociedade.

O jornal *A Voz da Escola* reflete a importância que a formação moral e cívica se apresentava na escola primária, contemplando o cultivo dos sentimentos e hábitos de conduta individual e social, de respeito e tolerância, de generosidade, ajuda mútua, de disciplina e amor ao trabalho, de amor à Pátria. Essa pedagogia patriótica acredita que a idéia de nação se aprende na família e nos bancos da escola pública. A fé na escola como a única tradução humanista da nação se apoia sobre dois pilares, mais ideais que reais - a família e o Estado. É uma moral válida para todos, que exalta o sacrifício e o trabalho, o respeito à hierarquia social e à fraternidade humana. A exaltação do valor patriótico e social, a abundância de bons sentimentos, o espírito humanitário de viés paternalista, faz com que o ensino moral e cívico desperte sentimentos ideais para uma sociedade idealizada. A intenção é de exaltação do progresso e a necessidade de ordem.

O periódico dos alunos do Colégio Elementar Souza Lobo evidencia o desenvolvimento das matérias do currículo da escola primária e permite depreender tópicos recorrentes. Quanto aos objetivos das disciplinas - a ênfase na formação moral, social, estética, higiênica, afetiva e cívica -, seriam alcançados mediante um conteúdo voltado às coisas brasileiras que se vincularam à formação da consciência nacional do futuro cidadão.

As possibilidades de escritas e de suas histórias coexistem plurais como as verdades, as práticas e os momentos históricos que as engendraram (Wintermeyer, 2008). Nessa perspectiva, os impressos escolares ou impressos estudiantis são documentos preciosos para olhar a escola. Dentre eles, em diferentes momentos históricos da escola brasileira, o jornal escolar foi estimulado pelas autoridades governamentais ou pelos professores, como produto das atividades de sala de aula de uma disciplina específica ou como uma instituição escolar (atividade extracurricular).

O estímulo aos jornais escolares permaneceu nas décadas de 1950 e 1960. Em setembro de 1953 a professora Maria de Lourdes Moraes, técnica de educação de São Paulo, publicou o artigo *Jornal infantil* (*Revista do Ensino/RS*, n. 17, p. 54, set., 1953), em que destaca como atividade extracurricular, sendo um “elemento eficiente da escola ativa”, especialmente “se for fundado, dirigido, redigido e, se possível, impresso pelas crianças”.

Outro exemplo é a publicação, pelo Ministério da Agricultura, do *Jornalzinho escolar*, escrito por Xavier Placer (1959), destinado a orientar as professoras dirigentes de clubes agrícolas. A frase de estímulo é: “um jornal escolar não deve ser julgado pela apresentação, mas, principalmente, pelo trabalho que motivou. Muitas vezes um jornal modesto contribui mais para a educação da criança do que outro de maiores recursos naturais” (Silva apud Placer, 1959, p. 8). Interessante é observar as referências bibliográficas e as publicações voltadas à confecção de jornais escolares na educação

rural: *Jornal rural escolar* (Lavor, 1952); *Imprensa na escola rural* (Placer, 1958); *Jornal* (Silva, 1952).

Podemos citar também artigos da *Revista do Ensino/RS* (1951-1978), da década de 1960, que orientam os professores primários a constituir um jornal escolar em sua escola ou sala de aula, com a apresentação de todas as fases necessárias para sua concretização, desde o planejamento à circulação (Santos, 1961; 1962). Interessante é o relato da professora Júlia Helena Kroeff Petry, sobre o *Jornal escolar: A Voz da Escola do Grupo Escolar Professor Ivo Courseuil - historiando a fundação de um jornal escolar*, jornal com três páginas, vendido pelas crianças. Chama a atenção a adoção do mesmo título do periódico aqui analisado da década de 1930, resultado de uma votação entre os alunos. Outro aspecto assinalado pela professora é que o periódico seria manuscrito pelas crianças, pois serviria de estímulo à boa caligrafia<sup>25</sup>. No entanto, essa condição não se mostrou satisfatória:

Escolheram-se os alunos de boa letra para copiarem os artigos. Surgiram as primeiras dificuldades, como: a de conseguir letra boa e uniforme na escrita, com pena de aço (devido à tinta hectográfica), quando hoje, quase todos, só escrevem com caneta automática ou esferográfica; a pressão da pena, sem uniformidade, deixando o trabalho muito desparelho, dificultava a leitura. (*Revista do Ensino/RS*, n. 68, p. 50, maio, 1960)

A solução encontrada foi datilografar e tirar as cópias no hectógrafo, o que foi feito no número 1, que saiu no mês de maio de 1960. Para os demais números, a diretora conseguiu um mimeógrafo emprestado. Esse relato evidencia que mesmo com a intenção de despertar a iniciativa da criança, há a necessidade da escola fornecer os suportes materiais necessários à confecção de um jornal escolar.

Finalizando, os impressos de alunos, especialmente as publicações periódicas, em diferentes níveis de ensino, são documentos importantes para analisar a cultura escolar e suas práticas, assim como as obras publicadas para orientar professores no desenvolvimento das atividades de produção e confecção de jornais.

## Referências

- ALMEIDA, Doris Bittencourt. Propagandas na revista *O Clarim*: discursos que produzem identidades. CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8, 2010, São Luis, Anais ... São Luis: SBHE, 2010a.
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Um observatório de jovens: a revista *O Clarim* (1945-1965). ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 16, 2010, Porto Alegre, Anais ... Porto Alegre: Asphe, 2010b.
- ALMEIDA, Doris Bittencourt. *O Clarim*: memórias de culturas jovens. CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9, 2009, Rio de Janeiro, Anais ... Rio de Janeiro: SBHE/Uerj, 2009.
- AMARAL, Giana Lange do. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. *História da Educação*. Pelotas: Asphe, n. 11, 2002, p. 117-130.

<sup>25</sup> Sobre o ensino de caligrafia na escola primária, ver Stephanou; Bastos (2008, 2008b, 2009, 2012).

- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaios de preliminares para sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BASTOS, Maria Helena Camara. *A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista*. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.
- BASTOS, Maria Helena Camara; QUADROS, Claudemir de; ESQUISANI, Rosimar. Luzes e sombras de um projeto: o programa de reconstrução educacional de Anísio Teixeira no Rio Grande do Sul (1952-1964). In: ARAÚJO, Marta M.; BRZEZINSKI, Iria (org.). *Programas, planos e projetos educacionais para a reconstrução da nação brasileira: o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) sob a direção de Anísio Teixeira (1952 a 1964)*. Brasília: Inep, 2006, p. 13-50.
- BASTOS, Maria Helena Camara; LEMOS, Elizandra A.; BUSNELLO, Fernanda B. Pedagogia da ilustração: uma face do impresso. In: BENCOSTTA, Marcus Levy A. (org.). *Pesquisa sobre cultura escolar: perspectivas históricas*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 41-78.
- BASTOS, Maria Helena Camara. As professorinhas da nacionalização: a representação do professor rio-grandense na Revista do Ensino/RS (1939-1942). *Em Aberto*. Brasília: Inep, v. 14, 1994, p. 135-145.
- BISHOP, Marie-France. *Racontez vos vacances...: histoires des écritures de soi à l'école primaire (1882-2002)*. Grenoble: PUG, 2010.
- CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara. Apresentação. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS; Maria Helena Camara (orgs.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 5-10.
- CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2007.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Civilidade em textos: estudo sobre um jornal manuscrito infantil (1945-1952). CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8, 2010, São Luis, Anais ... São Luis: SBHE, 2010a.
- FREINET, Celestin. *Le Journal scolaire*. Vienne: Rossignol, 1957.
- FREINET, Celestin. *Le texte libre*. Cannes: Editions de L'école Moderne, 1960.
- FORTINI, Amneris. Jornal escolar. *Revista do Ensino*, Porto Alegre, v. 3, n. 10, jun., 1940, p. 95-96,
- KRAEMER NETO. *Nos tempos da velha escola*. Porto Alegre: Sulina, 1969.
- LAVOR, Guaraci Cabral de. Jornal rural escolar. *Mundo agrícola*. São Paulo, n. 10, ano 1, out. 1952.
- MORAES, Maria de Lourdes. Jornal infantil. *Revista do Ensino/RS*, ano 3, n. 17, 1953, p. 54.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- PERES, Eliane T. *Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir: a escola como oficina da vida*. Discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública gaúcha (1909-1959). Belo Horizonte: UFMG, 2002. 493f. Tese (doutorado em educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais.

PETRY, Júlia Helena Kroeff. Jornal escolar: A voz da Escola do Grupo Escolar Professor Ivo Courseuil - historiando a fundação de um jornal escolar. *Revista do Ensino/RS*, n. 68, 1960, p. 50.

PINHEIRO, Ana Regina. *A imprensa escolar e o estado das práticas pedagógicas: o jornal Nossa Esforço e o contexto escolar do curso primário do Instituto de Educação (1936-1939)*. São Paulo: PUCSP, 2000. 136f. Dissertação (mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PLACER, Xavier. Imprensa na escola rural. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro, n. 6, ano 5, 1958, p. 137-140.

PLACER, Xavier. *Jornalzinho escolar: clubes agrícolas*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola/Ministério da Agricultura, n. 23, 1959.

PORTO ALEGRE, Achylles. *Homens illustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917.

POSSAMAI, Zita. Uma escola a ser vista: apontamentos sobre imagens fotográficas de Porto Alegre nas primeiras décadas do século 20. *História da Educação*. Pelotas: Asphe, v.13, n. 29, 2009, p. 143-169.

RENK, Valquíria Elita. Imprensa escolar: uma demonstração do patriotismo do Estado Novo. CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6, 2011, Vitória, Anais ... Vitória: SBHE/Ufes, 2011.

RIO GRANDE DO SUL. Relatório da Secretaria de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul, 1919.

RIO GRANDE DO SUL. Circular n. 874, 24 mar., 1932.

REVISTA DO ENSINO/RS. *Periodismo escolar: como os meninos podem fazer uma revista*. Porto Alegre, v. 5, n. 17/18, 1941, p. 62-64.

SANTOS, Ophelia Coelho dos. O jornal na escola primária. *Revista do Ensino/RS*, n. 76, 1961, p. 72 e 83.

SANTOS, Ophelia Coelho dos. O jornal na escola primária. *Revista do Ensino/RS*, n. 83, 1962, p. 76-79.

SILVA, Ruth Ivoty. *A escola primária rural*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1952.

SOUZA, Branca Diva Pereira de. Relatório do Colégio Elementar Souza Lobo apresentado ao Secretario de Estado dos Negócios de Educação e Saúde Pública Exmo. Snr. Dr. J. P. Coelho de Souza, por Branca Diva Pereira de Souza. Em 31 de dezembro de 1937.

SOUZA, Branca Diva Pereira de. Relatório do Colégio Elementar Souza Lobo apresentado ao Secretario de Estado dos Negócios de Educação e Saúde Pública Exmo. Snr. Dr. J. P. Coelho de Souza, por Branca Diva Pereira de Souza. Em dezembro de 1938.

SOUZA, José Pereira Coelho de. *Caminhada*. Porto Alegre: Sulina, 1969.

STEIN, Cristiane Antunes. *Por Deus e pelo Brasil: a juventude brasileira em Curitiba (1938-1945)*. Curitiba: UFPR, 2008. 172f. Dissertação (mestrado em Educação). Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

STEPHANO, Maria. Discursos médicos e a educação sanitária na escola brasileira. In: STEPHANO, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*, v. 3, século 20. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 142-164.

STEPHANO, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Traçar letras, palavras e números: caligrafar gestos da escrita e da vida. *Exposição. ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 14, Pelotas, 2008, Anais ... Pelotas: Asphe/UFPel, 2008b.

STEPHANO, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Educar a escrita: os sentidos da caligrafia na história da educação. *ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 14, Pelotas, 2008, Anais ... Pelotas: Asphe, 2008.

STEPHANO, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. *Apanhou o papel e o lápis e começou a...: memórias, artefatos e gestos da escrita na história da educação*. Porto Alegre: Ufrgs/PUCRS, 2009 (mimeo).

STEPHANO, Maria; Bastos, BASTOS, Maria Helena Camara. Do desenho das belas letras à livre expressão no desenho da escrita. In: TRINCHÃO, Gláucia (org.). *O desenho das belas letras*. Salvador: UFBA/UEFS, 2012.

TEIVE, Gladys Mary Chizoni; DALLABRIDA, Norberto. *A escola da república: os grupos escolares do ensino primário de Santa Catarina (1911-1918)*. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser natural, nacional e mestra. Queres ler?* Porto Alegre: Ufrgs, 2001. 156 f. Tese (doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: USP, 1999.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser natural, nacional e mestra. Queres ler?* Bragança Paulista: São Francisco, 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. Julia Lopes de Almeida e a educação brasileira no fim do século 19: um estudo sobre o livro escolar contos infantis. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 17, n. 1, 2004, p. 29-45.

WINTERMEYER, Rolf. Introduction. In: WINTERMEYER, Rolf; BOUILLOT, Corinne (org.). *Moi public et moi privé dans les mémoires et les écrits autobiographiques du XVIIe siècle à nous jours*. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2008, p. 11-31.

MARIA HELENA CAMARA BASTOS é doutora em Educação (USP), com estágio pós-doutoral no Service d'Histoire de l'Éducation (INRP/França). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do CNPq.

Endereço: Rua Felicíssimo de Azevedo, 770/601 - 90540-110 - Porto Alegre - RS - Brasil.

E-mail: [mhbastos@pucrs.br](mailto:mhbastos@pucrs.br).

TATIANE DE FREITAS ERMEL é licenciada e bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com mestrado em Educação pela mesma instituição.

Endereço: Avenida Eduardo Prado, 1877, casa 75 - 91751-000 - Porto Alegre - RS - Brasil.

E-mail: [tati.ermel@yahoo.com.br](mailto:tati.ermel@yahoo.com.br).

Recebido em 1º de julho de 2012.

Aceito em 13 de novembro de 2012.